

## SÍMBOLOS E MITOS NORTE-AMERICANOS NO ROMANCE *BRAZIL-MARU*, DE KAREN TEI YAMASHITA, RELACIONADOS AOS IMIGRANTES JAPONESES NO BRASIL

Profa. Mestra Gloria K. Delbim (UPM)<sup>1</sup>

### **Resumo:**

*O objetivo do presente trabalho é analisar algumas passagens do romance *Brazil-Marú*, da autora nipo-americana Karen Tei Yamashita, e a partir dessa análise, mostrar como alguns símbolos e mitos da sociedade norte-americana são usados e refletidos na construção de identidades de suas personagens no Brasil. Para este estudo e discussão sobre a triangulação entre Japão, Estados Unidos e Brasil, serão consideradas referências teóricas desenvolvidas por James Oliver Robertson, Avtar Brah, Stuart Hall, entre outros.*

**Palavras-chave:** *símbolos e mitos norte-americanos, imigração, Brasil, Japão e Estados Unidos, construção de identidades, interculturalidade.*

*Brazil-Marú*, da autora nipo-americana Karen Tei Yamashita, é um romance que conta a história pouco conhecida de uma grande população imigrante japonesa no Brasil. É uma saga de várias gerações que começa no ano 1925 até os anos 90, narrada por cinco personagens, quatro homens e uma mulher, relatando a tentativa de um grupo de japoneses para construir uma utopia no Brasil, intitulado por eles, a Terra Prometida.

A triangulação Brasil, Japão e Estados Unidos na obra de Yamashita, mostra como a autora constrói suas personagens em um espaço inter-cultural e, às vezes, híbrido, fazendo uma transposição dos valores culturais e mitos dos Estados Unidos nesta construção.

A linguagem utilizada pela autora é típica de narrativas históricas canônicas que enaltecem a civilização dos Estados Unidos. Expressões tais como **novo mundo, criação de uma nova civilização, eleitos por Deus, perdedores versus ganhadores (*losers vs. winners*), bem versus mal e *cowboy*** são algumas entre tantas outras que Yamashita usa para explicar a vinda dos japoneses para o Brasil.

Em *Brazil-Marú* ao retratar a experiência japonesa da comunidade “Esperança”, Yamashita busca um encontro de sua própria cultura, baseada em princípios puritanos que permeiam a sociedade norte-americana. Ao entrelaçar os valores culturais e mitos da sua sociedade tais como de liberdade, vida, individualismo, igualdade, busca da felicidade, a autora assim o faz em uma transposição cultural típica daquela sociedade em um outro local e origem diversas às de seu país natal, a realidade brasileira.

Para esta análise foram selecionadas as imagens da terra prometida, o herói, o bem versus o mal, o *cowboy*, e o jogo, em uma releitura desses tópicos da sociedade dos Estados Unidos, transpostos para retratar um grupo de sujeitos diaspóricos em outra realidade, perseguindo o sonho da criação de um novo mundo e um novo lar.

A idéia da imagem do lar seria como Avtar Brah, professora de Sociologia do Birkbeck College da Universidade de Londres, define o local onde se vive a experiência diária. Isso implica, segundo ela,

[...]nossas laços de família, parentes, amigos, colegas e vários outros ‘outros significantes’. Significa a geografia social e psíquica do espaço, no qual a

---

<sup>1</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie

experiência é em termos da vizinhança ou cidade natal. Ou seja, a comunidade 'imaginada', principalmente através do encontro diário. Este 'lar' é o local com o qual ficamos íntimos mesmo em momentos de intensa alienação dele. É uma sensação de 'sentir-se em casa'. (BRAH, 1998, p.4). (trad. nossa)<sup>2</sup>

Para esse trabalho será analisada a construção das personagens, tendo Kantaro, a personagem principal do romance, líder carismático amado e odiado pelos membros de "Esperança" que levou essa comunidade ao apogeu e também à decadência. Kantaro será destacado como o centro do novo poder estabelecido nesta comunidade e as demais personagens como margem estabelecendo, portanto, um relacionamento nos moldes imperialistas entre colonizador e colonizado, impondo a supremacia do indivíduo sobre o coletivo. Ao liderar seu grupo de seguidores, Kantaro tenta recriar a idéia utópica do paraíso para que suas vidas fossem menos sofridas, contrastando com a dura realidade e frustrações que teriam de enfrentar.

Ao falar de si mesmo, Kantaro remete ao que as pessoas diziam sobre ele, ou seja, "um grande idealista, um romântico, um dissimulador, um ditador, um ator, até um monstro" (YAMASHITA, 1992, p.163)<sup>3</sup> (trad. nossa). Apesar de todas essas referências, ele mesmo diz que a vida de um homem não pode ser definida em uma simples palavra Kantaro orgulha-se de ter sido uma pessoa que viveu sua vida de maneira intensa e completa, entendendo que quaisquer comentários desfavoráveis a ele podem ser atribuídos à inveja dos adversários.

Neste trabalho será levado em conta o ponto de vista de Ichiro, a personagem masculina mais velha, e como ele concebe a figura de Kantaro. De que maneira Yamashita transpõe os valores e símbolos norte-americanos para essas narrativas? Como as reescreve?

Ichiro, o primeiro narrador do romance, contará os acontecimentos ocorridos entre os anos 1925, quando chegaram ao Brasil, e meados dos anos 30, pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Através de sua narrativa, ver-se-á como a voz de Yamashita ecoa na construção das identidades.

### ***O Indivíduo Heróico e a Comunidade***

Sua admiração pelo jovem Kantaro, com cerca de 20 anos na ocasião, é o tema central da narrativa de Ichiro, "um outro velho com memórias" (YAMASHITA, 1992, p.5)<sup>4</sup> (trad. nossa), ao lembrar os fatos ocorridos desde a chegada do navio Brazil-Marú em 1925, quando tinha 9 anos, até meados da década de 30. É durante esse período de construção de "Esperança" que Kantaro começa a se afirmar e ter ascensão como líder dessa comunidade idealizada.

O leitor toma conhecimento de Kantaro a partir das primeiras páginas do romance, pela narração de Ichiro, mesmo antes de aportarem em Santos, ainda durante a viagem de navio.

Kantaro Uno e sua família eram alvo de crítica entre os passageiros do navio por terem um comportamento arrogante e exibirem um ar de superioridade. Contudo, para Ichiro, essa atitude era condizente com a maneira como agiam, pois, em seu olhar inocente, os via como pessoas dotadas de um prestígio especial. Essa idéia persistiu ainda por muito tempo e, Kantaro sem dúvida, foi um modelo para esse jovem que se manteve fiel ao seu herói até o dia em que soube das mazelas causadas por ele. Mostrou assim o seu caráter íntegro ao se afastar de quem tanto admirava, porém jamais se vingou ou mesmo exibiu rancor contra ele.

---

<sup>2</sup> [...]our networks of family, kin, friends, colleagues and various other 'significant others'. It signifies the social and psychic geography of space that is experienced in terms of a neighbourhood or a home town. That is, a community 'imagined' in most part through daily encounter. This 'home' is a place with which we remain intimate even in moments of intense alienation from it. It is a sense of 'feeling at home' (p.4).

<sup>3</sup> "a great idealist, a romantic, a dissimulator, a dictator, an actor, even a monster."

<sup>4</sup> ...another old man with memories.

Filho primogênito e mimado, Kantaro tinha desejos que pareciam intermináveis. Além da máquina fotográfica adquirida durante a viagem para o Brasil, Ichiro relembra ainda que pouco tempo depois de instalados em “Esperança”, ele apareceu cavalcando seu “belo cavalo branco de raça árabe que ostentava uma crina e rabo enormes” (YAMASHITA, 1992, p.16)<sup>5</sup> (trad. nossa). Cavalcando pelos campos, grande e garboso, em cima de seu cavalo, Kantaro era sem dúvida, para Ichiro, um herói maravilhoso.

Depreende-se dessa passagem que Kantaro é investido por Ichiro com características do herói norte-americano, cavalcando sozinho em seu cavalo branco como um cowboy. A imagem do cowboy usada para mostrar os valores norte-americanos de coragem e habilidade em enfrentar novos desafios é bem representada por Kantaro, que demonstra ser capaz de tais habilidades e, por essa razão, conquistava a admiração dos jovens de “Esperança”.

A imagem do cowboy, que sempre age sozinho, bastante comum na mídia e na vida da sociedade norte-americana, é também explorada e enaltecida por pessoas importantes e renomadas, tais como John Wayne, Ronald Reagan e Henry Kissinger.

Da mesma maneira, Kantaro cultua essa imagem. Indo e vindo entre as vilas e locais da redondeza, sozinho em seu cavalo, trazia notícias e era reconhecido entre todos por ser o elo de ligação entre os membros da comunidade. Já naquela época, Kantaro destacava-se dos demais ao tomar decisões e fazer com que os outros as cumprissem, como se fosse uma honra seguir suas ordens. Um exemplo disso, aconteceu na ocasião ainda durante a formação de “Esperança”, em que Kantaro arrebanhou alguns homens para ajudar outros moradores a construir suas casas, a desmatar a terra, a plantar. Ele mesmo, no entanto, limitava-se a dar ordens e observar, sem participar do mutirão. Agindo dessa forma, Kantaro de maneira semelhante ao gentleman, valorizava a elegância, o ócio, a sabedoria e, boas idéias, que no exemplo acima e, no seu discurso posterior ao tornar-se líder da comunidade, consistia na idéia do bem comum, conduta esta baseada na razão e não na emoção.

Ao envolver os demais membros de “Esperança” a agir com emoção e solidariedade para ajudar aos outros, nota-se que, habilmente, Kantaro soube usar a razão a seu favor e, de maneira sábia, aos poucos, foi evocando sua imagem como centro do poder, enquanto os outros, seriam os subalternos. Como na história dos Estados Unidos, a idéia do bem comum como meta geral, é usada pela personagem que aos poucos vai conquistando seus pares como se fosse um benfeitor e assim vai afirmando sua liderança entre os membros da comunidade.

Em Brazil-Marú, o toque mágico de Kantaro abrangeu e seduziu não só Ichiro mas também os outros jovens da comunidade, ao introduzir o jogo de beisebol entre os moradores de “Esperança”. Ao lembrar-se daquela época, Ichiro comenta: “...tenho certeza de que foi Kantaro que ligou beisebol ao nosso modo de vida em Esperança. Parece estranho dizer que beisebol se tornaria parte do nosso sonho de imigrante, porém isso realmente aconteceu” (YAMASHITA, 1992, p.26)<sup>6</sup> (trad. nossa).

Mais uma vez, voltando à imagem do gentleman que tinha como característica fundamental o lazer, Kantaro, foi aos poucos inventando-se de maneira semelhante ao que acontecia com o sulista norte-americano do período colonial. Afirmando-se através da introdução do jogo (lazer), o qual, uniria os membros da comunidade, em suas palavras, diz: “Há muitos de nós jovens em Esperança que seríamos unidos pelo beisebol, [...] bem, é só um jogo, mas é um jogo de muitas virtudes” (YAMASHITA, 1992, p.26)<sup>7</sup> (trad. nossa). Virtude é uma palavra que os puritanos usavam para

<sup>5</sup> “...a beautiful spirited white Arabian with a long mane and tail.”

<sup>6</sup> “...I am sure it was Kantaro who tied baseball to our way of life in Esperança. That the sport of baseball should become part of our immigrant dream sounds strange, but it is true.

<sup>7</sup> There are many of us young men in Esperança who would be united by baseball, [...] Yes, it’s only a game, but it’s a game with many virtues.

justificar suas atitudes e fazer-se eleitos do Senhor, idéia semelhante à expressa por Kantaro neste contexto.

É importante destacar aqui alguns aspectos relevantes desse jogo que está sendo introduzido na comunidade. Beisebol é um jogo americano por excelência. Mesmo sendo um jogo popular no Japão, onde teve sua primeira disputa em 1873, na Universidade de Tokyo, sob a instrução de um norte-americano chamado Horace Wilson, os valores imprimidos no jogo, são os norte-americanos. O historiador James Oliver Robertson (1987), em sua explicação sobre a criação dos jogos grupais, entende que a idéia do grupo é como uma máquina em que todos os envolvidos devem trabalhar juntos e de maneira uniforme. Robertson liga a imagem do ritual do jogo a uma máquina humana em que cada pessoa desenvolve sua especialidade para todos obterem o produto final desejado, ou seja, o “sucesso”, elemento intrínseco do Sonho Americano..

Yamashita, na obra, está refletindo a mesma filosofia de sua terra natal. Os princípios puritanos de trabalho, ainda hoje presentes nos Estados Unidos, refletem-se em Brazil-Marú. O lazer através do esporte é assim relacionado com a virtude que todos deveriam seguir. Robertson, ao falar sobre trabalho e lazer, expressa essa idéia de maneira semelhante, por entender que o jogo faz as pessoas se sentirem úteis e virtuosas, invocando os princípios puritanos que se interpõem na sociedade norte-americana.

Sendo o beisebol eleito como algo intrínseco em suas vidas, a competição passou a ser importante entre eles. O espírito de colaboração e cooperação que os guiou na construção de uma nova civilização dá lugar à rivalidade e disputa entre os homens, traindo os princípios iniciais do projeto desse grupo de cristãos perseguidos em sua terra natal, o Japão, ao vir para o Brasil.

Para justificar a introdução do jogo em “Esperança”, nos moldes da ética puritana, Kantaro comenta seus projetos em relação à comunidade, dizendo:

Bem, há tanto trabalho a ser feito em Esperança, não dá simplesmente para fazer com que as pessoas gastem seu tempo jogando beisebol sem uma boa razão. Então, estou pensando em boas razões. (YAMASHITA, 1992, p.26).<sup>8</sup> (trad. nossa)

Daqui se infere, inclusive, o prestígio e a liderança de Kantaro junto ao grupo. Ao escutar esse comentário, um membro da comunidade acrescentou: “Trabalho em equipe....Concentração...Competição...Espírito...”, ao que alguém complementa: “Recreação...Lazer!” (YAMASHITA, 1992, p.26)<sup>9</sup> (trad. nossa).

Percebe-se, dessa maneira, como o espírito desse grupo traduz e reflete a ética protestante norte-americana de trabalho, sempre presente, mesmo no momento de lazer, que faz parte da felicidade à qual todos têm direito, de acordo com a Declaração da Independência dos Estados Unidos.

Questionado sobre como as pessoas conseguiam aliar trabalho e tempo para praticar beisebol, Kantaro dizia: “Sempre respondo que nós, em Esperança, tínhamos vindo construir uma nova vida e o esporte, como outras atividades culturais, devia ser parte dessa nova vida”. Enfatiza a necessidade de terem lazer depois de trabalharem o dia todo abrindo novas estradas e desmatando florestas virgens: “Sem este elemento de lazer, como poderíamos ser um povo íntegro? Nós, em Esperança, viemos ao Brasil para colonizar e produzir” (YAMASHITA, 1992, p.41).

---

<sup>8</sup> *Well, there is such great labor to be accomplished in Esperança, it just doesn't seem that we can be encouraging people to spend their time playing baseball without a good reason. So I am thinking of good reasons (p.26).*

<sup>9</sup> “Teamwork... Concentration... Competition... Spirit...” “Recreation...Leisure!”

Além do lazer e do trabalho em grupo, em Brazil-Marú, o jogo de beisebol também evoca outra imagem bastante valorizada na sociedade norte-americana, a do ganhador e do perdedor, ou a do Bem versus o Mal, exemplificada pela rivalidade existente entre Kantaro e Yogu. Ao desafiar Yogu, Kantaro diz: “Bem, eu sou o melhor” (YAMASHITA, 1992, p.31)<sup>10</sup> (trad. nossa), e Yogu tenta responder a essa provocação aceitando jogar no mesmo time, aliados no mesmo objetivo de serem vitoriosos. No entanto, o problema não é tão simples como poderia parecer, pois Kantaro e Yogu eram rivais e competiam não só para mostrar quem poderia ser o melhor jogador, mas também, pelo amor de Haru Okumura, filha do líder da comunidade.

Em contraste com Kantaro, Yogu é citado como o bandido (bad guy) considerado por todos como um bruto, sem educação, um “nobre selvagem” que não respeitava regras, nem o Imperador de seu país, não acreditava em Deus e, portanto, era marginalizado. Ao contrário de Kantaro, que era visto como o cowboy, Yogu era apontado como o bandido, que poderia usar sua arma de maneira irresponsável. É desprezado por todos na comunidade, sendo considerado um perdedor (loser).

Para aplacar os maus instintos de Yogu, há aqui o papel preponderante das mulheres de “Esperança”. Em solidariedade à família de Haru, que o estava hospedando, e para afastar seus maus espíritos, Ichiro conta que:

...as pessoas entravam e saíam da propriedade de Okumura, convencidas de que Yogu cometeria algum tipo de crime. Minha mãe, nitidamente, foi lá passar as noites com Tomi Okumura sob o pretexto de estudar a Bíblia. (YAMASHITA, 1992, p.28)<sup>11</sup>

Como a mãe de Ichiro, outras mulheres passaram a visitar os Okumuras “uma a uma, vinham em noites alternadas com suas Bíblias em furoshikis” (lenço de forma quadrada usado para carregar objetos) (YAMASHITA, 1992, p.29)<sup>12</sup> (trad. nossa). Há nessa atitude uma mostra da valorização do livro sagrado usado pelas personagens, expressando seu apoio à família e se afirmando como símbolo de um comportamento típico da sociedade norte-americana, que sempre tem a Bíblia em suas mãos, seja diante de um júri ou em cerimônias públicas, ou ainda para dar credibilidade a certas declarações de políticos ao demonstrarem arrependimento e regeneração pelos erros cometidos. A atitude de solidariedade da comunidade, em relação ao comportamento de Yogu, acrescida à simbologia da Bíblia, valor intrínseco dos costumes e herança puritana, permanecem ainda atualmente, na sociedade dos Estados Unidos. Assim, a autora lê nossa cultura com a lente norte-americana, transferindo a cor da imigração de seu país para o Brasil.

Aos poucos, Yogu foi se mostrando menos selvagem. No entanto, o que parecia ser um milagre da oração, no entender de Ichiro, foi o milagre do amor dele por Haru Okumura, de 17 anos, uma das poucas moças solteiras na época. Apesar de cortejada por Kantaro, que aos olhos de Ichiro era o homem ideal para qualquer mulher, apaixonou-se por Yogu. Yamashita mostra, dessa maneira, a ironia existente entre a realidade e a idealização de uma situação. De maneira adversa às expectativas, o Mal vence o Bem.

Ao tecer comentários sobre o caráter de Kantaro com referência a essa conquista, Ichiro lembra sua determinação e persistência frente à adversidade tanto em beisebol quanto no amor, ele não admitia derrotas e faria de tudo para vencer.

Sentindo que poderia perder essa disputa para Yogu, Kantaro, sutilmente, manda-o ao Japão para comprar material para beisebol. Se Kantaro sentiu-se vitorioso por isso, teve, em contraparti-

<sup>10</sup> “Well, I’m the best”.

<sup>11</sup> ...people wandered in and out of the Okumura household, convinced that Yogu would commit some sort of horrid crime. My mother went boldly over to spend the evenings with Tomi Okumura under the pretext of Bible Studies (p.28)

<sup>12</sup> each arriving on alternate nights with their Bibles in furoshikis.

da, que esperar por um ano até que Haru, desiludida com a não-volta de Yogu, aceitasse ser sua esposa.

Mesmo considerando-se vitorioso, Kantaro nunca conseguiu que Haru se esquecesse de Yogu, que voltou no dia de seu casamento, abalando o relacionamento entre os dois para sempre. Assim, Kantaro, acostumado a vitórias, mesmo não admitindo a verdade, é, nesse caso, o perdedor (loser), pois, não é capaz de derrotar os sentimentos da mulher amada e não pode obrigá-la a amá-lo.

Após o casamento, Kantaro concentrou-se mais no trabalho e na terra, deixando de lado o lazer. Juntamente com um seu cunhado e amigo, fazia planos para expandir “Esperança”, criar galinhas, produzir ovos e esterco para fertilizante. O nome dado ao local em que desenvolveram esse projeto chamou-se “New World Ranch”, conhecido também por “casa de Kantaro” (YAMASHITA, 1992, p.73)<sup>13</sup> (trad. nossa).

Atraídos pelo novo empreendimento, conta Ichiro, ele e vários jovens da comunidade, deixaram suas famílias para irem morar no local chamado “casa de Kantaro”. Trabalhavam, divertiam-se e sonhavam com o futuro que se descortinava à sua frente. É, pois, dentro desse espírito idealista de criar uma nova civilização, ao invés de trabalharem cada um por si, que se propõem a trabalhar juntos, comunitariamente, para o bem de todos.

Assim, Kantaro vai se afirmando cada vez mais como o novo líder de “Esperança” e, segundo a narrativa de Ichiro, ele e outros jovens imbuídos de idealismo juvenil e pureza de espírito, seguem obedientemente as imposições de Kantaro.

Esse processo de identificação, envolvendo pessoas da mesma origem, compartilhando os mesmos ideais, pode ser melhor entendido, segundo a definição de Stuart Hall, sociólogo e teórico cultural jamaicano, ao dizer que:

A identificação é construída tendo como reconhecimento a origem de algo comum ou de características compartilhadas com outra pessoa ou grupo, ou com um ideal, e com fechamento natural de solidariedade e lealdade estabelecida nesse princípio. (HALL, 1996, p.2)<sup>14</sup> (trad. nossa)

Em Brazil-Marú, Yamashita constrói a vinda desses japoneses recorrendo à imagem da colonização dos Estados Unidos, coincidentemente, retratada no romance de maneira semelhante a correntes migratórias para aquele país, em que as famílias vieram colonizar o Brasil aceitando as terras oferecidas pelo líder religioso Momose-sensei, com a intenção de criar e abraçar um novo lar.

Como os norte-americanos que “acreditavam que a América tem uma missão e, que não é simplesmente seu destino ser rica e poderosa e grande, mas ser assim é devido aos desígnios de Deus” (ROBERTSON, 1987, p.25)<sup>15</sup> (trad. nossa), Ichiro, ao se deparar com a imensidão de terras ainda por explorar no Brasil, expressa o sentimento do grupo ao dizer: “Além do mais, viemos para criar um novo mundo e, começar a vida em uma nova terra foi um presente especial e sagrado dado somente a poucos escolhidos” (YAMASHITA, 1992, p.22)<sup>16</sup> (trad. nossa). Há, nessas imagens, diálogos que se tocam, conectando a experiência cultural de Yamashita com a transferida para outra realidade. Desde o Japão, o sonho desses emigrantes perseguidos por causa de sua religião, de maneira análoga aos puritanos que foram para a América, era o de criar uma civilização em uma terra

---

<sup>13</sup> “Kantaro’s place”.

<sup>14</sup> *Identification is constructed on the back of a recognition of some common origin or shared characteristics with another person or group, or with an ideal, and with the natural closure of solidarity and allegiance established on this foundation.*

<sup>15</sup> *They believed America has a mission and that its destiny is not simply to be rich and powerful and big, but to be so for some God-given purpose.*

<sup>16</sup> *Besides, we had come to create a new world, and stating on new land was a special and sacred gift given only to a chosen few.*

prometida. Ichiro fala desse sonho compartilhado por seus pais, do qual fazia parte, como algo intrínseco e incontestável que poderia se tornar realidade se todos lutassem juntos para consegui-lo. Sua admiração por Kantaro que se destaca entre os habitantes de "Esperança" por causar admiração nos outros jovens, ora com sua máquina fotográfica, (uma raridade na época), ora com seu cavalo branco <(um luxo), ora como excepcional jogador de beisebol pode ser ainda entendido como o "self-made man", tão valorizado e idealizado na cultura dos Estados Unidos. Inteligente e ambicioso, Kantaro soube aproveitar as situações que surgiram para impor-se ao grupo. Carismático, conseguiu ser um vencedor e liderar a comunidade por muitos anos, servindo de exemplo aos jovens que se espelhavam nele e fazendo-os acreditar que poderiam realizar seus sonhos de um grande futuro, com idéias de revolucionar a agricultura. Ao encarnar alguém capaz de vencer por seus próprios meios e tentar realizar seus sonhos, habilmente convence os outros a ajudá-lo nesse mister, de maneira a fazê-los acreditar que eram parte desses sonhos também.

Seu discurso com conotação política, bastante comum na História dos Estados Unidos, é uma maneira de convencer os seus cidadãos da importância de sua missão para controlar seus destinos e negócios, o direito à revolução, à liberdade e à felicidade, preceitos estabelecidos na Declaração da Independência, os quais são considerados inalienáveis a todo e qualquer cidadão daquele país.

Em Brazil- Maru, ao retratar a experiência japonesa de "Esperança", Yamashita busca um encontro entre sua própria cultura, baseada nos princípios puritanos que estruturam a sociedade dos Estados Unidos, retratando em suas narrativas sua identidade nipo-americana, intrínseca (belonging). Assim, através da construção das personagens do romance, ao reescrever e inserir imagens e símbolos norte-americanos retratados em uma comunidade idealizada, mostra como todos gostariam de sentir o afago e segurança que só se acha em um lar.

Sonhar e acreditar que esse sonho possa se tornar realidade é o que faz as pessoas ousarem a se aventurar por lugares desconhecidos, às vezes, nunca habitados anteriormente, como ocorre com as personagens de Brazil-Marú, que vieram do outro lado do mundo em busca de felicidade e de um novo lar, mesmo que isso represente a perda de suas vidas, pois, sem esperança não há sonhos, e sem sonhos não se consegue viver.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora*. London & New York: Routledge, 1998.
- CHOMSKI, Noam ; DIETERICH, Heinz. *Um Olhar sobre a América Latina*. Tradução Luiz Ricardo Leitão, colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.
- CLIFFORD, James. *Routes–Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge, Massachusetts & London: Harvard University Press, 1999.
- DANIELS, Roger. *Coming to America*. New York: Harper Perennial, 1991.
- HALL, Stuart; DU GAY, Paul, (Ed.). *Questions of Identity*. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE Publications, 1996.
- LEÃO, Valdemar Carneiro. *A Crise da Imigração Japonesa no Brasil (1930-1934) Contornos Diplomáticos*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1990.
- MORLEY, David ; CHEN, Kuan-Hsing (Ed.). The Formation of a diasporic intellectual. In: *Stuart Hall – Critical Dialogues in Cultural Studies*. London: Routledge, 1996.

- MOUFFE, Chantal. Democratic Politics and the Question of Identity. In: RAJCHMAN, John (Ed.). *The Identity in Question*. New York and London: Routledge, 1995.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Imigração Japonesa na História Contemporânea do Brasil*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros e Massao Ohno Editor, 1984.
- \_\_\_\_\_. Inspeção Realizada na Fazenda Aliança, Núcleo Nipônico (1941). *Anais da IX Reunião*. São Paulo: Sociedade de Pesquisa Histórica, 1990. p. 227-234.
- RADHAKRISHNAN, R. *Diasporic Mediations Between Home and Location*. Minneapolis & London: University of Minnesota Press, 1996.
- REUTER, Yves. *Introdução à Análise do Romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ROBERTSON, James Oliver. *American Myth, American Reality*. New York: Hill & Wang, 1987.
- SAFRAN, William. Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return. In: VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin, (Ed.). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. Cheltenham, UK & Northampton, MA, USA.: An Elgar Reference Collection, 1999.
- SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. London: Vintage, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Orientalism*. London: Penguin Books, 1978.
- TAYLOR, Charles. The Politics of Recognition. In: GUTMANN, Amy (Org.). *Multiculturalism – Examining the Politics of Recognition*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- TINDALL, George B.; SHI, David E.. *America: a narrative History*. New York, London: W.W.Norton & Company Inc., 1989.
- VATTIMO, Gianni. *The Transparent Society*. Cambridge, U.K.: Polity Press, 1992.
- WHITE, Hayden. *Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX*. Tradução José Laurênio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1995.
- YAMASHITA, Karen Tei. *Brazil-Marú*. Minneapolis: Coffee House Press, 1992.
- YOUNG, Robert. *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. London & New York: Routledge, 1995.

**Gloria Karam DELBIM, Ms.**

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP.

[delbim@uol.com.br](mailto:delbim@uol.com.br)